

# AS VIAGENS MARÍTIMAS E A ARTE DAS IMAGENS

MARÍLIA DOS SANTOS LOPES

Na introdução à colectânea de viagens de Francanzio Montalboddo,<sup>1</sup> o médico e letrado Jobst Ruchamer esclarece o leitor interessado que a razão que o levou a verter esta obra para o alemão mais não foi do que a surpresa e a alegria estonteante das maravilhosas e estranhas novidades descritas neste opúsculo.<sup>2</sup> No seguimento dos viajantes e cronistas ibéricos, o erudito de Nuremberga, mesmo longe dos centros directamente relacionados com as actividades marítimas, entoa um verdadeiro hino panegírico às *coisas maravilhosas e nunca vistas*. Tal como o cronista Garcia de Resende não pôde deixar de apontar tudo quanto viu acontecer em Portugal, na Europa, e no resto do mundo, dando assim origem à sua prestigiosa *Miscelânea*,<sup>3</sup> também Jobst Ruchamer não pode ficar quedo e, incentivado por um grupo de amigos, decide traduzir a antologia de viagens, como pequeno contributo à divulgação dos *Paesi novamente ritrovati*, que prevê ser um dos mais importantes eventos da história da humanidade. Entusiasmado também ele nos fala do milagre que é saber da existência de novos mundos e, como os nautas e letrados portugueses, sonha vê-los sob a égide da lei cristã.

Os letrados e editores europeus dos séculos XVI e XVII não ficariam, na verdade, indiferentes às insólitas e fascinantes notícias das actividades marítimas, reflectindo-se, nos seus programas editoriais, o vivo propósito de trazer a público obras significativas e elucidativas da empresa ultramarina portuguesa. Ao lado de cosmografias, obras históricas, religiosas, científicas ou literárias viriam a lume os relatos de viagens, os espelhos das novidades dos Descobrimentos. Apesar de constituírem uma limitada percentagem na totalidade das edições, estas obras seriam aguardadas com grande curiosidade, representando um influente sector nos meios culturais

---

<sup>1</sup> Francanzio da Montalboddo: *Paesi novamente ritrovati Et Nouo Mondo da Alberico Vesputio Florentino intitulado*, Vicenza, 1507.

<sup>2</sup> [Jobst Ruchamer]: *Neue unbekante landte und ein neue weldte in kurz verganger zeythe erfunden*, Nuremberga, 1508.

<sup>3</sup> Garcia de Resende: *Crónica de dom João II e Miscelânea*, ed. Lisboa, 1973.

européus, como pudemos provar em trabalhos anteriormente realizados.<sup>4</sup>

Mas o entusiástico desejo de dar a conhecer esta Literatura de Viagens não ficaria pelo mero gesto de recolha e impressão de material. Após a escolha de opúsculos significativos, seguir-se-ia um minucioso trabalho gráfico. Sobretudo a imprensa alemã e flamenga, dispunha de condições técnicas e financeiras que lhe permitia impulsionar a *narrativa gráfica* das suas publicações, como é que estas obras apresentavam e fixavam as *coisas maravilhosas e nunca vistas*?

As fontes portuguesas descrevem exóticas paisagens, criam cenas invulgares, retratam física e emocionalmente personagens estranhas e diferentes e esboçam quadros pitorescos capazes de inspirar qualquer artista a esboçar graficamente esta nova realidade. Mas os artistas não iriam ser portugueses. Seriam, em contrapartida, as publicações estrangeiras que ao formularem um discurso gráfico complementarão o testemunho real dos textos ibéricos, fornecendo um acervo rico e de um valor indiscutível para a Cultura dos Descobrimentos. Importa frisar que não se tratam somente de gravuras referentes a textos portugueses, como sejam os de Francisco Álvares,<sup>5</sup> Duarte Lopes<sup>6</sup> ou Fernão Mendes Pinto.<sup>7</sup> Na verdade recorreremos à chamada Literatura de Viagens, também dos sucessores dos portugueses nestas andanças pelo mundo, com o vivo intuito de traçar o longo percurso de recepção e assimilação das *novas novidades*. Tal como as fontes escritas, também as fontes gráficas nos falam das novas estonteantes, traçando um inesquecível documento do imaginário europeu.

Intentando dar a conhecer as histórias várias da *narrativa gráfica*, por vezes negligenciada ou severamente julgada, procurámos

---

<sup>4</sup> Veja-se, por exemplo, Marília dos Santos Lopes: Portugal: uma fonte de novos dados, A recepção dos conhecimentos portugueses sobre África nos discursos alemães dos séculos XVI e XVII, in: *Mare Liberum*, nº 1, 1990, pp. 205-308 ou Marília dos Santos Lopes: *Da Descoberta ao Saber. Os Conhecimentos sobre África na Europa dos séculos XVI e XVII*, Viseu, 2002.

<sup>5</sup> Francisco Álvares: *A verdadeira Informação das Terras do Preste João*, Lisboa, 1540, ed. Lisboa, 1974.

<sup>6</sup> Duarte Lopes/Filippo Pigagetta: *Relatione del reame di Congo et delle circonvicine contrade*, Roma, 1591.

<sup>7</sup> Fernão Mendes Pinto: *Peregrinação*, Lisboa, 1614.

descodificar o contributo deste indelével tradutor das realidades humanas além-mar.<sup>8</sup>

Perdida nas páginas dos relatos de viagens e geralmente de feita desconhecida - em parte de autores menores ou de pouco renome -, a iconografia dos Descobrimentos assume-se como uma fonte minuciosa e assaz credível. Ao deciframos os textos, ao descodificarmos as informações em imagens, os gravadores e editores intentaram captar os tipos físicos, o vestuário, as actividades, as manifestações artísticas, em suma, os meandros sócio-culturais das sociedades e civilizações recém-descobertas. Os tipos humanos, com o seu vestuário ou a sua nudez, as armas, os instrumentos, as paisagens, os animais e as plantas das regiões visitadas aparecem outrossim visualmente nas páginas destas obras. E também os deuses gentílicos, os casamentos, as danças e folias, os acrobatas e malabaristas fazem parte deste insuperável panorama visual.

No desbravar de dados e informações sobre um mundo que, de repente, se tornara ilimitado, os gravadores fixam o momento, os tipos humanos, os usos e costumes; tal como outros letrados, procuram tomar a si as rédeas na reformulação dos contornos e limites do mundo. Fazendo uso da sua vocação, os gravadores e, em certa medida, os editores, assumem o papel de criador. A silhueta que traçam do mundo e dos seus habitantes é a afirmação do obreiro consciente do seu poder.

É de notar que não se podem, todavia, analisar separadamente as fontes gráficas e as escritas; há que ter presente que ambas se aventuraram no mesmo projecto: lançar os fundamentos da realidade *até agora nunca vista*. Embora a grafia siga bem de perto a fonte escrita - nos inícios da Idade Moderna, a gravura entende-se, na verdade, como um complemento do discurso escrito, sendo a figuração, muitas vezes, e antes de mais, a tradução gráfica do conteúdo temático -, a sua linguagem é outra e importa não a descurar.<sup>9</sup>

Ao divulgarem a descoberta de novos mundos, estas obras acompanham o impulso dos Descobrimentos portugueses e, ao mesmo

---

<sup>8</sup> Este trabalho baseia-se nas pesquisas feitas e publicadas num estudo de maior fôlego de nossa autoria intitulado *Coisas maravilhosas e nunca vistas, Para uma iconografia dos Descobrimentos*, Lisboa, 1998.

<sup>9</sup> Entre a vasta literatura dedicada a esta temática, gostaríamos de destacar a obra de Carsten-Peter Warncke: *Sprechende Bilder - sichtbare Worte, Das Bildverständnis in der frühen Neuzeit*, Wiesbaden, 1987.

tempo, constroem uma dimensão real e imaginária da Expansão europeia: a iconografia do Outro. Vejamos alguns exemplos.

O afloramento a ilhas e a terras desconhecidas no alvorecer do século XVI é um tema sedutor que desafia os intelectuais e amantes das artes. Inspirando-se na chegada de Américo Vespúcio à quarta parte do mundo, o artista flamengo Theodor Galle, segundo uma gravura de Johannes Stradanus, tenta desvendar alegoricamente o segredo do encontro inesperado entre os navegadores europeus e os nativos de outros mundos (Fig. 1).



Orientado pelo astrolábio, o mareante acosta em terra nunca vista, e ao desembarcar surpreende uma jovem, que mais tarde será baptizada com o seu nome. Jovial, ela levanta-se da rede, onde descansava, para ir ao encontro do respeitável e reverente senhor que a cumprimenta. Acabado de chegar, como o demonstram os navios ancorados na costa, traz com ele a sua experiência de navegador e a convicção de um homem de fé, perceptível no estandarte que segura. A jovem robusta, mas de tal inocência, fã-lo aspirar converter a aparente virtude natural numa consciente adesão ao cristianismo.

Num olhar rápido encontra uma natureza fértil e próspera; vê animais desconhecidos, por exemplo, repara que um deles come formigas, e chama-lhe papa-formigas. Face a esta prodigiosa natureza, o nauta congratula-se com a vitória inesperada e, seguramente, promissora.

Mas, um pouco mais ao fundo, a encobrir os louvores deste acontecimento e a alegria momentânea, alguns nativos, sentados em volta de um espeto, grelham carne humana; e o fumo, originado pelo fogo do espeto, ergue-se no ar, entre o visitante e a jovem, enunciando maus presságios.

O entusiasmo e fascínio frente aos homens recém-descobertos expressar-se-ia igualmente nos retratos alusivos aos povos orientais. (Fig. 2) Vejamos o cortejo que segue o rajá de Cochim. Rodeado pelos seus súbditos, este príncipe da costa do Malabar desfila majestoso no seu elefante; e como arma usa apenas uma azagaia.



De modo airoso e elegante, os seus séquitos, por vezes de cabelo apanhado e nus da cintura para cima, levam as lanças ao ombro; os soldados que deverão dar o sinal de combate, transportam, ao peito e

ao ombro, os instrumentos indispensáveis para o toque iniciador das operações militares. Este exército de homens, constituído por nobres que se colocaram voluntariamente ao serviço do rei, usa apenas um escudo de madeira para se proteger das investidas inimigas, aguardando atento as ordens do seu soberano. Eis uma representação em que se exalta, veementemente, a sedução pelo exótico e pelo Oriente.<sup>10</sup>

Bem diferentes dos europeus, nas suas concepções e maneiras de ser, são os chineses. (Fig. 3) Numa terra de enormes dimensões, de grande pompa e riqueza vivem gentes de pele branca e de pequena estatura. As fontes alusivas a este reino descrevem os seus habitantes como homens de muitas e boas maneiras e de gosto requintado. Contam, entre outros o boticário de Leiria Tomé Pires,<sup>11</sup> que eles tomam as refeições em mesas, com toalhas, finas porcelanas<sup>12</sup> e em objectos de ouro, e que comem sem tocar na comida, isto é, segundo a maneira chinesa, com dois pauzinhos; que no vestuário usam muito o preto, por exemplo, nos casacos, muito longos, feitos de algodão. As mulheres, que também envergam casacos compridos, quase até aos pés, seriam comparadas, por Tomé Pires, no que respeita aos seus enfeites e adornos, às castelhanas. Nos cabelos, penteados ao alto, usam ganchos ou ornamentos lindos e riquíssimos em pedras preciosas e ouro, e sempre muitas jóias, principalmente nas orelhas e ao pescoço; e têm ainda o hábito de usar leques maravilhosos. Uma outra curiosidade seriam os sapatos de seda e brocados que as mulheres chinesas tinham por costume trajar.

---

<sup>10</sup> Veja-se, por exemplo, Rudolf Wittkower: *Marvels of the East, A Study in the History of Monsters*, in: *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, 1942, vol. V, pp. 159-197; Geneviève Bouchon, *Le sud-ouest de l'Inde dans l'imaginaire européen au début du XVIe siècle: du mythe à la réalité*, in: Denys Lombard et Roderich Ptak (Ed.), *Asia Maritima, Images et réalité, Bilder und Wirklichkeit 1200-1800*, Wiesbaden, 1994, pp. 3-11; ainda Geneviève Bouchon, *L'Image de l'Inde dans l'Europe de la Renaissance*, in: *Inde découverte, Inde retrouvée, 1498-1630, Études d'histoire indo-portugaise*, Lisbonne, Paris, 1999, pp. 311-333.

<sup>11</sup> Tomé Pires: *A suma oriental de Tomé Pires e o livro de Francisco Rodrigues*, ed. Armando Cortesão, Coimbra, 1978.

<sup>12</sup> Veja-se, *Do Tejo aos Mares da China, Uma Epopeia Portuguesa*, Lisboa, 1992.



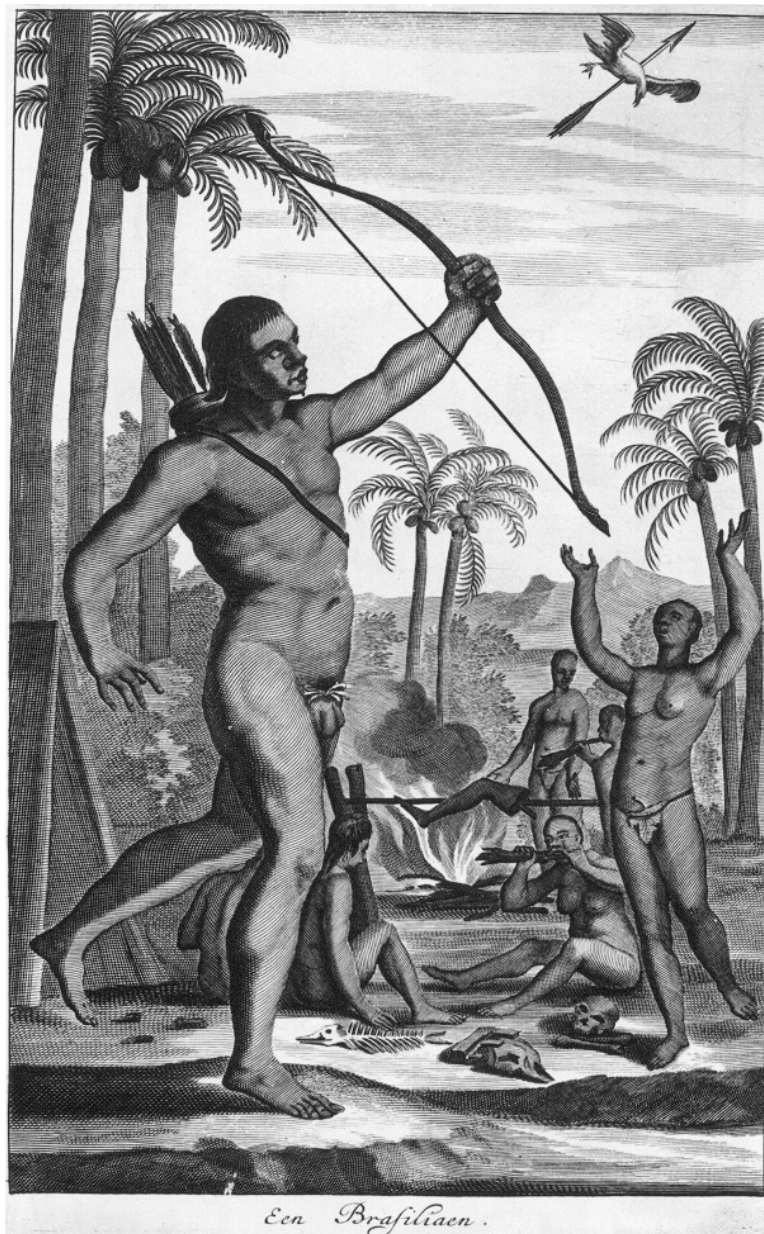
Estes, muito justos e apertados, fariam com que elas tivessem os pés muito pequenos, o que fascinaria e intrigaria, ao mesmo tempo, os visitantes europeus.

Na América, mais propriamente, no Brasil, descobria-se, por sua vez, o *bom selvagem*.<sup>13</sup> De porte elegante e olhar ingênuo, o ameríndio atira certo uma flecha. (Fig. 4) Com uma postura de atleta e um aspecto crédulo, o índio iria cativar a inteligência europeia.

Mas, se, em primeiro plano, se representa o exemplo de um caçador hábil e valente, ao fundo, evidencia-se uma outra maneira de ser e de viver destes autóctones: o canibalismo. Sentados à volta de um espeto, onde se grelha uma perna, alguns destes íncolas devoram partes de um corpo humano. No chão, uma caveira e outras ossadas acentuam este uso antropófago. Um esqueleto de peixe que visa por certo chamar a atenção para outros hábitos alimentares dificilmente

<sup>13</sup> Por vezes os historiadores preferem falar de uma invenção, nomeadamente, do índio brasileiro, como introduz João Rocha Pinto, *A Viagem, Memória e Espaço, A Literatura Portuguesa de Viagens, Os Primeiros Relatos de viagem ao Índico 1497-1550*, Lisboa, 1989, pp. 215-239. Além disso, José S. Silva Dias, *Os Descobrimentos e a Problemática Cultural do Século XVI*, Coimbra, 1973, pp. 213-259 já chamou a atenção que a imagem do bom selvagem vai surgir não nas fontes portuguesas, mas sim europeias.

poderá contrabalançar a imagem negativa já delineada acerca dos homens do Novo Mundo.



Na apreciação dos povos recém-descobertos jogam ainda critérios desde há muito vigentes; assim, por exemplo, a ideia do homem selvagem teria a sua influência na apresentação dos homens recém-descobertos.<sup>14</sup> Geralmente representado com um tronco de árvore na mão, o homem silvestre personificava já na Época Clássica a saudade, a nostalgia de uma vida simples e as forças internas da natureza. Mas, se por um lado seria associado ao estado natural e original, por outro lado, a partir da Idade Média, seria considerado como um dos seres mais inferiores da humanidade, uma vez que não se tinha libertado do estado de pecador.

Os selvícolas têm, geralmente, o corpo coberto de pelos - com exceção da face, mãos e pés - e na cabeça, em louvor à terra, folhas de louro. Uma associação com a natureza e flora que permite tematizar o paraíso, como podemos, por exemplo, encontrar na gravura de Hans Leonhard Schäußelein (1480-1540).

A constatação de que as dimensões do mundo eram incomparavelmente maiores do que se poderia imaginar, que os habitantes não se distinguiam, fundamentalmente, dos da terra já antes conhecida, que os antípodas, afinal, sempre existiam e que a zona tórrida era uma região com vida vegetal, animal e humana, teria repercussões no pensamento europeu. Os homens de letras indagariam contínua e ininterruptamente sobre estes mistérios: Qual a razão porque só agora se tivera conhecimento da existência destas regiões? Qual a origem dos povos americanos? Como e quando poderiam ter aparecido os primeiros íncolas neste continente? Na tentativa de resolver estes enigmas, os intelectuais reconhecem que Deus os teria criado todos também à sua imagem e semelhança e que fora sua vontade só agora dá-los a conhecer. Com as navegações volatilizar-se-iam muitas das certezas tradicionais, mas os eruditos viam este derrubar de fronteiras com optimismo, e criavam já novos sonhos míticos sobre as origens da humanidade.

As notícias sobre paisagens naturais de enorme beleza e encanto despertam reminiscências do mundo paradisíaco, ou do mito da Idade do Ouro; a fertilidade da terra e a naturalidade e sociabilidade dos

---

<sup>14</sup> Veja-se Richard Bernheimer: *Wild men in the middle ages*, Cambridge/Mass., 1952 ou ainda, para o espaço português, Fernando António B. Pereira: Notas sobre a representação do homem silvestre na arte portuguesa dos séculos XV e XVI, in: *História e Crítica*, nº 9 (1982), pp. 57-66 ou ainda Vitorino Magalhães Godinho: *Mito e Mercadoria, Utopia e Prática de Navegar, séculos XIII-XVIII*, Lisboa, 1990, pp.111-118.

nativos induz à elaboração de analogias. A existência de paisagens tão naturais e idílicas, assim como de populações tão simples só poderia relembrar o Paraíso Terreal. Tudo teria, certamente, começado num sítio aprazível, magnífico, nobre, enfim, numa "Aetas Aurea", onde homem e natureza viveriam em perfeita harmonia.

E, se o Paraíso Terreal não fora assim como no jardim das delícias, no *locus amoenus* recentemente encontrado, a imagem visionária do Éden iria ter, a partir de agora, a sua origem nestas paragens recém-descobertas.

No reencontrado jardim edênico, vemos os progenitores da humanidade. (Fig. 5) À sombra da "árvore da vida", Adão e Eva; numa das mãos, Eva segura o fruto proibido, e Adão estende igualmente a mão para a maçã.



A comprovação deste acto, e a sua consequente anuência, será graficamente assinalada por um *putti*, que precisamente entre os dois pecadores aponta para a serpente. Adão e Eva, em analogia a muitas representações coevas, estão rodeados de animais, o leão, o coelho, carregados de atributos simbólicos.

Esta representação que, de certo modo, segue de perto a tradição iconográfica do pecado original, oferece, contudo, alguns pormenores que merecem a nossa atenção. Com efeito, o artista não se ficou por esta cena principal. Em pequenas cenas laterais, cuja existência é já por si um aspecto inovador, realça o desenrolar dos acontecimentos após o pecado original, formulando a continuidade histórica da humanidade.

Vejamos mais de perto. Numa das cenas, um homem, certamente Adão, com peles de animais, trabalha no campo. Tendo em consideração que, após o pecado original, a humanidade seria condenada a zelar pelo seu sustento, esta cena parece prosseguir a história dos primogénitos.

Do outro lado, uma jovem, Eva, protegida por uma cabana, tem ao colo uma criança. Aqui formula-se a lição aprendida na Sagrada Escritura e anunciada aos pais da humanidade: o homem deverá, com o seu próprio trabalho, sustentar a família, enquanto a mulher deverá cuidar da casa e dos filhos. Se este tratamento é inovador nas representações sobre as origens da humanidade, ainda é mais interessante verificar que esta reflexão sobre os deveres de família se insere exactamente numa das obras da família de Bry, em que as principais personagens são povos que vivem num estágio civilizacional, aos olhos dos seus coevos, equiparável aos primeiros tempos da humanidade. A imperiosa integração dos homens recém-descobertos na marcha para a civilização significava, em primeira instância, relembrar a criação do mundo e reformular a linhagem genealógica.

Conhecer as populações não-europeias significa, deste modo, ter conhecimento do seu modo de vida, dos seus usos e costumes. Vejamos, alguns exemplos, que despertaram a atenção dos viajantes-autores e gravadores na representação do Outro.

Os agricultores chineses seriam muito trabalhadores, sendo eles a puxar o arado ou a reger o sulco a arar. (Fig. 6)

Nestes trabalhos agrícolas, o chinês tem o cabelo rapado à frente e a mulher, quando o ajuda, ata nas pernas em baixo o fato, parecendo que enverga calças.



A lavoura, considerada uma actividade primordial da economia chinesa, seria largamente concessionada e protegida pelo Imperador. Ao conceder uma série de privilégios aos lavradores, esta acção imperial atrairia sobremaneira a população para esta profissão, pelo que não haveria um hectare, na China, que não fosse cultivado. A terra seria, no entanto, árida e sem grandes qualidades, pelo que os chineses se veriam obrigados a adubar eficientemente. Eles teriam ainda criado e desenvolvido um engenhoso sistema de condução das águas, com vista a regar as zonas mais secas, para o que inventaram muitos instrumentos capazes de retirarem as águas de grandes profundidades; conhecidos, entre as populações não-europeias, como astutos e inventivos, os chineses "homens de singulares engenhos, assi nas artes liberaes como nas macanicas",<sup>15</sup> são admirados como um povo criador de obras primas, um povo de enormes conhecimentos tecnológicos.

Este, bem como muitos outros aspectos observados na organização social e administrativa da sociedade chinesa, leva a que muitos autores portugueses retratem a China como o modelo ideal no funcionamento e estruturação de uma sociedade. O conhecimento de uma nova civilização no cabo do mundo, civilização esta regida inteligentemente e de modo exemplar, desperta conseqüentemente uma atitude de deslumbramento face às capacidades deste povo até

<sup>15</sup> Fernão Lopes de Castanheda: *História do Descobrimento e conquista da Índia*, Lisboa, 1551-1561, ed. M. Lopes de Almeida, Porto, 1979, p. 913.

então ignorado. As fontes portuguesas, Fernão Lopes de Castanheda,<sup>16</sup> Damião de Góis,<sup>17</sup> ou João de Barros<sup>18</sup> registam juízos de louvor e admiração perante as virtudes e qualidades dos *chins*. Por exemplo, equiparando-os aos Gregos e Latinos, João de Barros, o admirador e defensor da Antiguidade Clássica, reconhece-lhes uma grandeza, perfeição e superioridade imensuráveis nas nações até então conhecidas.

Para além da lavoura, os homens de além-mar praticavam outras actividades, como a caça. Dependendo do tamanho e rapidez do animal, o caçador africano utilizaria vários métodos para apanhar o animal desejado e, como armas, empregaria arcos, flechas de ponta envenenada e lanças.

Na captura de caça grossa, como elefantes, usa grandes fossos armadilhados, a fim de apanhar sem correr grande risco. Conhecendo de antemão o trajecto de alguns animais - geralmente perto de água -, os caçadores escavam, por exemplo, grandes fossos que, depois de munidos com uma lança bem afiada, cobrem com folhagem e areia; para aumentar o sucesso da caça cavam ainda várias destas armadilhas ao longo do percurso escolhido.<sup>19</sup>

No retrato dos povos não-europeus surge frequentemente o destaque do desconhecido, do diferente, do estranho e, por conseguinte, do exótico. (Fig. 7) O fascínio pelo que não é comum, pelo que não faz parte dos padrões conhecidos, exerce uma atracção irresistível e inquieta nas sensibilidades estéticas e culturais europeias. A iconografia, uma das vozes do espanto maravilhado, destaca comportamentos ou hábitos considerados invulgares ou singulares.

O costume usado entre os tupinambás de esquarterarem os prisioneiros de guerra constituía um dos casos mais sublinhados na iconografia do Brasil. Uma das obras mais significativas é a *Wahrhaftig Bericht* do mercenário alemão Hans Staden<sup>20</sup> que, depois de viver alguns meses em cativeiro entre os tupinambás, consegue fugir desta prisão, vindo a descrever pormenorizadamente as suas

---

<sup>16</sup> Idem.

<sup>17</sup> Damião de Góis, op. cit.

<sup>18</sup> João de Barros, *Ásia*, ed. H. Cidade, M. Múrias, 4 vols., Lisboa, 1945.

<sup>19</sup> Gravuras representativas deste procedimento encontramos, por exemplo, na obra de Peter Kolb: *Caput bonae spei hodiernum, Das ist: Vollständige Beschreibung des africanischen Vorgebürges der Guten Hoffnung...*, Nuremberga, 1719.

<sup>20</sup> Hans Staden, *Warhafftig Historia vnd beschreibung eyner Landschaftt der Wilden/ Nacketen/ Grimmigen Menschenfressen Leuthen in der Newen welt America gelegen...*, Marburgo, 1557.

experiências no Novo Mundo. Esta obra valiosa pelas suas primorosas ilustrações sobre a vida dos índios, viria a lume pela primeira vez, em 1557, na Alemanha e, a partir dessa data, conheceria inúmeras edições na Europa.



Aqui vemos uma cena em que se representam algumas das fases do aprisionamento e morte do inimigo. Armado de cacete de madeira, o índio brasileiro espanca o prisioneiro e, quando este estiver morto, inicia o espostejar.

Um detalhe significativo na construção deste mito, e talvez mais aterrador que a própria cena: a criança a brincar com a cabeça da vítima, mergulhando-a na água. Atrás, a fogueira, onde já se grelham alguns pedaços, completa esta cerimónia ritual.

A existência de usos e costumes tão bárbaros, aos olhos dos europeus, só poderia ser entendida como a consequência de um estágio de selvajaria. Muitos dos povos não-europeus encontrar-se-iam, na perspectiva europeia, numa fase de pré-civilização.

Um dos povos mais bestiais e de maior grossaria seriam os hotentotes. Tido como o povo mais selvagem e inferior ao cimo da terra, ele seria frequentemente cotejado aos animais na sua aparência e modos de viver. Os viajantes registam unanimemente a pobreza dos Khoikhoi, e o holandês Johan Nieuhof<sup>21</sup> chega a afirmar que os considera como o povo mais miserável do mundo, pois, a seu ver, incompreensivelmente, não encontra entre eles qualquer indício de religiosidade. Na verdade, e embora Nieuhof saiba que muitas populações não conheçam um ser supremo, elas adoram ídolos e praticam cerimónias rituais, o que demonstra um vincado espírito hierático. No seio dos hotentotes, não há, contudo, qualquer rito que o testemunhe, pelo que o autor regista drasticamente esta falta.

A este juízo juntar-se-ia o tão incompreensível hábito de comer as entranhas no momento da matança do armentio, ideia esta que se tornaria praticamente um lugar-comum na iconografia dos hotentotes.<sup>22</sup> Assim, sempre os encontramos lutando ávida e sofregamente, em semelhança às bestas na partilha da presa, os naturais do Cabo da Boa Esperança devoram, com gula, as tripas dos bois ainda cheias e cruas.

Além disso, a atracção pelo diferente poderia ainda surgir perante exemplos bem exóticos, extraordinários ou singulares. É o caso das legiões de mulheres guerreiras conhecidas pelo nome de Amazonas; já referenciadas na Antiguidade, como vivendo à parte de todas as sociedades, estas guerrilheiras continuariam a ser um tema de sensação nos relatos de viagens do século XVI. Por exemplo, Duarte Lopes<sup>23</sup> fala que vivem no reino do Monomotapa e Ulrich Schmidl<sup>24</sup> localiza-as na América. E ambos nos dão uma imagem das mulheres guerreiras.

Formular um novo painel das sociedades e dos povos até há pouco ignorados seria ainda o intuito dos homens de letras e artistas dos séculos XVI e XVII. Retratar, lado a lado, as diferentes populações do mundo, seria o tema proposto. Reconhecida como uma vital e urgente tarefa, a de apontar e, mais, classificar as diferentes

---

<sup>21</sup> Cf. Johan Nieuhof: *Die Gesantschaft/ der Ost=Indischen Geselschaft*, Amsterdão, 1669.

<sup>22</sup> Cf., entre outros, Ezio Bassani and Letizia Tedeschi: The Image of the Hottentot in the Seventeenth and Eigenteenth centuries, An iconographic investigation in: *Journal of the History of Collections*, nº 2, (1990), pp. 157-186.

<sup>23</sup> Duarte Lopes, op.cit.

<sup>24</sup> Ulrich Schmidl, *Warhafftige vnd liebliche Beschreibung etlicher fuernemen Indianischen Landtschafftten nd Insulen...*, Frankfurt a M., 1567.

maneiras de ser e viver, os intelectuais iriam elaborar pequenas enciclopédias lexicais sobre o aspecto, o vestuário, as ocupações, a economia, a organização social, os hábitos, as ciências e as artes dos habitantes do mundo. Traçado este panorama, seria possível estabelecer, como confirma o erudito Erasmus Francisci,<sup>25</sup> um paralelo com a sociedade e realidade em que se vive; a possibilidade de, ao conhecer outras realidades humanas, enriquecer a própria natureza e a maneira de ser, corrigindo, criticando, ou, até mesmo, eliminando determinados erros ou defeitos declarados como supérfluos ou ineficazes neste jogo de semelhanças e diferenças, iria agradar vivamente aos letrados dos finais do século XVII.

Numa das mais interessantes alegorias sobre os quatro continentes da autoria do renomeado gravador Matthaeus Merian deparamos, naturalmente, com quatro airoas damas. (Fig. 8) Nesta figura losangular, África, em baixo, dirige o seu olhar para uma outra jovem, América. No outro extremo surpeende-nos subtil e enigmática, Ásia. As três, África, Ásia e América, formam assim um pequeno meio círculo dentro da representação geral. Quiçá por se tratarem de três jovens, cuja idade e temperamento se aproxima, ou então ainda por se encontrarem, todas elas, sob a vigilância da velha Europa. Sentada majestosamente em cima do globo terrestre, símbolo do império mundial, Europa parece consciente da sua posição de destaque.

---

<sup>25</sup> Erasmus Francisci: *Neu-polirter Geschicht= Kunst= und Sitten= Spiegel ausländischer Völcker, fürnemlich der Sineser, Japaner, Indostaner, Jabaner, Malabaren, Peguaner, Siammer, Peruaner, Mexicaner, Brasilianer, Abyssiner, Guineer, Congogianer, Asiatischer Tartern, Perser, Armenier, Türcken, Russen und theils anderer Nationen mehr...*, Nuremberga, 1670.



África, conforme a sua pobreza, não possui qualquer peça de vestuário, mas elegante e descontraída em cima de um crocodilo, um dos amedrontadores e horripilantes animais deste continente, segura, numa das mãos, uma concha - um dos objectos mais usuais nas costas africanas - e, como adorno, tem apenas uma pérola. Ligeiramente inclinada, observa de olhar sereno a jovem americana, que se distingue pelo seu toucado de penas. Desta vez, para além do seu manto de plumas, América pouco recorda a postura de uma índia, dadas as suas formas quase barrocas. Aos seus pés, poisada numa haste, uma pequena ave, o papagaio, tão associado ao continente americano.

De cabelos ondulados e longos, Ásia enverga uma saia comprida e com alguma roda, vestuário este pouco característico e usual deste continente; na maioria dos casos, Ásia surge com toda a pompa e luxúria. Pouco habitual no programa alegórico é ainda o facto de dispor de um arco e de algumas flechas, supostamente na tradição das fantásticas e misteriosas guerreiras Amazonas. A concluir a zona inferior do quadro, e como motivos decorativos, um leão e um elefante.

A composição figurativa escolhida por Merian reflecte sintomaticamente a posição geopolítica das quatro partes do mundo. Na verdade, no alto do seu trono, Europa soberana domina o mundo, desfraldando uma bandeira; em cima do globo terrestre, ela é a herdeira do império romano e a representante da cristandade, como se pode ver pelo seu capacete. Num forte apego à imagem da Roma triunfante, Europa olha para o seu lado esquerdo donde lhe vem a vitória. A sua volta, a testemunhar a sua realeza e majestade, voam dois *putti* alados; um à sua esquerda hasteia o símbolo de Mercúrio, o deus do comércio que a protege e favorece nas suas actividades mercantis, enquanto o outro segura entre os braços um livro aberto, onde se pode ler: *Religio Christiana*.

A paráfrase de Matthaeus Merian enuncia a projecção política que, ao longo do século XVII, se atribuía ao continente europeu. O desenhador nada mais faz do que transpor, para a gramática iconográfica, a decidida convicção do discurso europeu. Após a descoberta de novos mundos, Europa mostrara, na opinião dos seus regentes e doutrinadores, ser capaz de difundir a sua cultura e pugnar a sua fé; confiando no seu modelo institucional e cultural, a cristandade ocidental aspirara reger o mundo e, em virtude da experiência vivida com a expansão planetária, tomara a posição

dianteira na caminhada civilizacional. No desafio lançado pela Expansão, a Europa saíra vitoriosa.

A partir de alguns exemplos representativos, verificámos como a arte das imagens reflecte de forma exaustiva o encontro com os novos mundos, sendo assim uma fonte inestimável quer no reconhecimento desses outros novos mundos, quer no modo como os europeus os descobriram, os inventaram e classificaram.

### Bibliografia

- ÁLVARES, Francisco (1974): *A verdadeira Informação das Terras do Preste João*, Lisboa, 1540 ed. Lisboa.
- BALDAEUS, Philippus (1672): *Wahrhaftige Ausführliche Beschreibung der Berühmten Ost-Indischen Küsten...*, Amsterdão.
- BARBOSA, Duarte de (1989): *Livro do que Viu e Ouviu no Oriente*, ed. Lisboa.
- BARROS, João de (1945): *Ásia*, ed. H. Cidade, M. Múrias, 4 vols., Lisboa.
- BRY, Theodor de (1597-1628): *Orientalischen Indien*, Frankfurt/M.
- CASTANHEDA, Fernão Lopes de (1979): *História do Descobrimento e conquista da Índia*, Lisboa, 1551-1561, ed. M. Lopes de Almeida, Porto.
- FRANCISCI, Erasmus (1670): *Neu-polirter Geschicht= Kunst= und Sitten= Spiegel ausländischer Völcker, fürnemlich der Sineser, Japaner, Indostaner, Jabaner, Malabaren, Peguaner, Siammer, Peruaner, Mexicaner, Brasilianer, Abyssiner, Guineer, Congogianer, Asiatischer Tartern, Perser, Armenier, Türcken, Russen und theils anderer Nationen mehr...*, Nuremberga.
- GÓIS, Damião de (1910-1911): *Chronica d'el- Rei D. Manuel*, Lisboa, 1566, ed. Lisboa.
- KOLB, Peter (1719): *Caput bonae spei hodiernum, Das ist: Vollständige Beschreibung des africanischen Vorgebürges der Guten Hoffnung...*, Nuremberga.
- LOPES, Duarte / PIGAGETTA, Filippo (1959): *Relatione del reame di Congo et delle circonvicine contrade*, Roma, 1591, ed. Lisboa.
- MONTALBODDO, Fracanzio da (1507): *Paesi nouamente trouati Et Nouo Mondo da Alberico Vesputio Florentino intitulado*, Vicenza.

- NIEUHOF, Johan (1669): *Die Gesantschaft/ der Ost=Indischen Gesellschaft*, Amsterdão.
- PINTO, Fernão Mendes : *Peregrinação*, Lisboa.
- PIRES, Tomé (1978): *A Suma Oriental de Tomé Pires e o livro de Francisco Rodrigues*, ed. Armando Cortesão, Coimbra.
- RESENDE, Garcia de (1973): *Crónica de Dom João II e Miscelânea*, ed. Lisboa.
- STADEN, Hans (1557): *Warhafftig Historia vnd beschreibung eyner Landschafft der Wilden/ Nacketen/ Grimmigen Menschenfressen Leuthen in der Newen welt America gelegen...*, Marburgo.
- SCHMIDL, Ulrich (1567): *Warhafftige vnd liebliche Beschreibung etlicher fuernemen Indianischen Landtschafften nd Insulen...*, Frankfurt a M.
- [RUCHAMER, Jobst] (1508): *Newe unbekante landte und ein neue weldte in kurz vergangener zeythe erfunden*, Nuremberga.

#### Obras de Consulta

- BASSANI, Ezio and TEDESCHI, Letizia (1990): The Image of the Hottentot in the Seventeenth and Eigenteenth centuries, An iconographic investigation in: *Journal of the History of Collections*, nº 2, pp. 157-186.
- BERNHEIMER, Richard (1952): *Wild men in the middle ages*, Cambridge/Mass.
- BITTERLI, Urs (1976): *Die "Wilden" und die "Zivilisierten", Grundzüge einer Geistes- und Kulturgeschichte der europäisch-überseeischen Begegnung*, Munique.
- BOUCHON, Geneviève (1999), *Inde découverte, Inde retrouvée, 1498-1630, Études d'histoire indo-portugaise*, Lisbonne, Paris.
- CHIAPELLI, Fredi (Ed.) (1976): *First Images of America: The Impact of the New World on the Old*, Berkeley, Los Angeles, Londres.
- DEVISSE, Jean e MOLLAT, Michel (1979): *L' Image du Noir dans l' Art occidental*, vol. II, Fribourg.
- DIAS, José S. Silva (1973): *Os Descobrimentos e a Problemática Cultural do Século XVI*, Coimbra.
- Do Tejo aos Mares da China, Uma Epopeia Portuguesa* (1992): Lisboa.
- GODINHO, Vitorino Magalhães (1990): *Mito e Mercadoria, Utopia e Prática de Navegar, séculos XIII-XVIII*, Lisboa.

- GRANJA, Cecília (1993): Os monstros no Imaginário Quinhentista, in: *Oceanos*, nº 13, pp. 72-79
- HODGEN, Margaret T. (1964): *Early Antropology in the Sixteenth and Seventeenth Centuries*, Philadelphia.
- HONOUR, Hugh (1975): *The New Golden Land, European Images of America from Discoveries to the present Time*, Nova Yorque.
- KOHL, Karl Heinz (Ed.) (1982): *Mythen der Neuen Welt, Zur Entdeckungsgeschichte Lateinamerikas*, Berlim.
- KOHL, Karl-Heinz (1986): *Entzauberter Blick, Das Bild vom Guten Wilden*, Frankfurt/M.
- KOHL, Karl Heinz (1987): Über einige der frühesten graphischen Darstellung der Bewohner der Neuen Welt in der europäischen Kunst, in: Karl-Heinz Kohl, *Abwehr und Verlangen, Zur Gechichte der Ethnologie*, Frankfurt/M.
- LACH, Donald F. (1970-1977): *Asia in the making of Europe*, 5 vols., Chicago.
- LOMBARD, Denys e PTAK, Roderich (Ed.) (1994): *Asia Maritima, Images et réalité, Bilder und Wirklichkeit 1200-1800*, Wiesbaden, 1994.
- LOPES, Marília dos Santos (1987): Os Descobrimentos portugueses e os novos horizontes do saber nos discursos alemães dos séculos XVI e XVII, in: *ICALP - Revista do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa*, Lisboa, Nº7/8, pp. 28-40.
- LOPES, Marília dos Santos (1990): Portugal: uma fonte de novos dados, A recepção dos conhecimentos portugueses sobre África nos discursos alemães dos séculos XVI e XVII, in: *Mare Liberum*, nº 1, 1990, pp. 205-308.
- LOPES, Marília dos Santos (1992): *Zwischen Erzwungener Seßhaftigkei und Vertreibung, Die Stellung der Khoikhoi in der Kapkolonie*, Bamberg.
- LOPES, Marília dos Santos (1993): Fernão Mendes Pinto e o diálogo entre os Mundos, ou o que traziam de novo as obras portuguesas à cultura alemã, in: *Mare Liberum*, nº 6, pp. 97-104.
- LOPES, Marília dos Santos (1994): Tradition und Imagination: 'Kalikutische Leut' im Kontext alt-neuer Weltbeschreibungen des 16. Jahrhunderts, in: *Asia Maritima: Images et Realité, Bilder und Wirklichkeit (1200-1800)*, ed. Denys Lombard et Roderich Ptak, Wiesbaden, pp. 13-26.
- LOPES, Marília dos Santos (2002): *Da Descoberta ao Saber. Os Conhecimentos sobre África na Europa dos séculos XVI e XVII*, Visau, 2002.

- MARKL, Dagoberto L. e PEREIRA, Fernando António Baptista (Ed.) (1986), *História de Arte em Portugal, O Renascimento*, vol. 6, Lisboa.
- PAGDEN, Anthony (1986): 'The impact of the New World on the Old': The history of an idea, in: *Renaissance and Modern Studies*, vol. XXX, pp. 1-11.
- PEREIRA, Fernando António B., (1982): Notas sobre a representação do homem silvestre na arte portuguesa dos séculos XV e XVI, in: *História e Crítica*, nº 9, pp. 57-66.
- PEREIRA, Paulo (1994): A Iconografia dos Descobrimentos, in: *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, dir. Luís de Albuquerque, vol. I, pp. 505-513.
- PINTO, João Rocha (1989): *A Viagem, Memória e Espaço, A Literatura Portuguesa de Viagens, Os Primeiros Relatos de viagem ao Índico 1497-1550*, Lisboa.
- Nas *VÉSPERAS do Mundo Moderno - África* (1992): Texto de Jill R. Dias, Lisboa, 1992.
- Nas *VÉSPERAS do Mundo Moderno - Brasil*, (1999): Lisboa.
- WARNCKE, Carsten-Peter (1987): *Sprechende Bilder - sichtbare Worte, Das Bildverständnis in der frühen Neuzeit*, Wiesbaden.
- WITTKOWER, Rudolf (1942): Marvels of the East, A Study in the History of Monsters, in: *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, vol. V, pp. 159-197.